



Danilo Dourado Guerra**

SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Jesus e a política da interpretação*. Tradução: Adail Sobral. São Paulo: Loyola, 2005. 169 p.

Elisabeth Schüssler Fiorenza é uma das principais teólogas e biblistas feministas da atualidade, conhecida internacionalmente. Nasceu em 1938, em *Tschanad* (Romênia), numa família alemã. Depois da segunda guerra mundial criou-se na Alemanha, onde foi uma das primeiras mulheres católicas a se formar em teologia, doutorando-se na área de Bíblia. Desde 1970 vive nos Estados Unidos, onde ensina exegese/interpretação bíblica feminista na *Divinity School* da Universidade de Harvard.

Dentre suas inúmeras obras, uma das mais recentes é “*Jesus e a política da interpretação*”. Neste livro, dividido em cinco capítulos, Schüssler Fiorenza, sob o prisma interpretativo feminista, critica a política de sentido empregada nas diversas expedições acadêmicas em busca do ‘verdadeiro’ Jesus histórico.

No capítulo um, intitulado “*Quem dizem que sou?*” (p. 29-52), Fiorenza faz uma crítica a política da interpretação do Jesus histórico como fruto de concepções positivistas, androcêntricas e eurocêntricas. Nesse sentido, o discurso interpretativo acerca do Jesus histórico em relação às mulheres também está embrincado de tendências patriarcais e dominadoras responsáveis por seu silenciamento e invisibilização. No entanto, aqui se levanta a possibilidade de um modelo

* Recebido em: 22.10.2019. Aprovado em: 31.10.2019.

** Doutor e mestre em Ciências da Religião (PUC Goiás), com estágio doutoral sanduíche na Università Degli Studi di Padova, Itália. Bacharel em Teologia (SETEBAN-GO; FAIFA). Professor no Seminário Teológico Batista Novo Mundo e conteudista do curso de Licenciatura em Teologia da Faculdade Araguaia. *E-mail*: daniloatlanta@gmail.com

alternativo de reconstrução histórica. Sob esse aspecto, ao invés de se optar por uma retórica empirista e kyriocêntrica busca-se uma visão reconstrutiva igualitária e emancipatória das *wo/men* feita a partir de uma hermenêutica da suspeita.

No capítulo dois, intitulado “*Jesus importa*” (p. 56-76), é lançado o questionamento: frente às diversas faces de Jesus produzidas pela retórica acadêmica haveria um reforço ou uma subversão das relações de dominação? Sob esse prisma, Fiorenza sugere que deveria haver uma mudança no *ethos* da pesquisa sobre Jesus, tendo “como meta uma cultura cosmopolita crítica da igualdade” (p. 70). Dessa forma, a pesquisa acerca de Jesus seria compreendida como “uma prática crítica de re(l/m)embrar” (p. 71). Nisso se daria a transição de uma retórica positivista para “uma retórica que visa a recuperação e articulação críticas da memória” (p. 71). Segundo Schüssler Fiorenza, é nessa mudança de quadro teórico ou de “binóculos hermenêuticos” que existe a possibilidade de compreender Jesus sob a memória e o ambiente de iguais.

No capítulo três, que tem por título “*A procura do verdadeiro Jesus*” (p. 77-108), Schüssler Fiorenza volta-se “para a política de sentido que governa a pesquisa sobre o Jesus histórico” (p. 77). Em meio a tantas buscas, há sempre um interesse daqueles que pesquisam acerca de Jesus. Nesse sentido, se questiona quem são esses, e porque eles fazem? Dentro desse quadro ideológico interpretativo, a figura de Jesus como o grande herói serve para promover a descoberta e a formação da identidade do cidadão masculino europeu (p. 84). No entanto, a partir de uma abordagem em relação a gênero, a autora trata da importância da pesquisa feminista e sociocientífica sobre Jesus como conhecimento crítico-emancipatório. Em um ambiente acadêmico onde as imagens de Jesus são construídas a semelhança dos interesses daqueles quem as idealiza o comentário sobre as mulheres tem se reservado as seções especiais. Aqui, a autora critica a política da linguagem excessivamente masculina e invisibilizadora em relação às *wo/men*, além de fornecer um quadro de modelos e métodos para a pesquisa do Jesus histórico.

No capítulo quatro, intitulado “*Sobre ciscos, traves e métodos*” (p. 109-136), a autora muda seu foco investigativo e passa a tratar criticamente “o debate sobre o antijudaísmo nos estudos bíblicos feministas sobre Jesus como discurso acadêmico” (p. 109). Aqui se observa que a tendência antijudaizante se encontra também nos estudos feministas, inclusive em um gesto de humildade acadêmica Schüssler Fiorenza reconhece esses traços em alguns de seus escritos e procura corrigi-los. Nesse aspecto, segundo ela “as estudiosas feministas fariam bem em examinar sua própria possível contaminação pelo vírus do antijudaísmo antes de apontar o dedo para os outros” (p. 114). Nesse mundo de políticas interpretativas, para a autora, tanto o antijudaísmo como o antifeminismo são dois lados de uma mesma moeda kyriocêntrica.

No capítulo cinco, que tem como título “*Compreender a visão*” (p. 137-164), a autora procura examinar criticamente os discursos cristológicos feministas sobre Jesus (p. 137). Dentro desse véis, em uma realidade onde cada um constrói seu discurso a cerca da masculinidade de Jesus, observa-se a comercialização de uma imagem masculina e cavalheiresca de Jesus perpassada também por conotações de erotismo. Aborda-se também focos da teologia sapiencial feminista, de um modelo igualitário de reconstrução e a realidade emancipatória da *basileia* como lugar daqueles que seguem a Cristo. Em meio a todas essas questões, ela conclui que:

*Uma identidade crista feminista tem que ser articulada repetidas vezes no âmbito das lutas emancipatórias em favor da visão da basileia de D**s, que fala de me-estar e de liberdade para todos na aldeia global. De igual forma, uma identidade feminista judaica tem de ser articulada no âmbito das lutas emancipatórias em favor da “restauração do mundo” [...] como transformação social, política e religiosa das estruturas kyriárquicas de injustiça e de dominação. O D**s único bíblico de judeus, cristãos e muçulmanos de nossos dias ainda chama as wo/men de fé a se engajar na visão profético-messiânica de justiça, de liberdade, de amor e de salvação que inspirou nossos ancestrais em suas lutas religioso-políticas em favor de um mundo mais justo (p. 162-163).*

Em suma, a obra de Schüssler Fiorenza é de grande relevância devido a sua perspectiva crítica em relação às políticas de sentido sobre o Jesus histórico produzidas nas academias. Nesse sentido, sua hermenêutica da suspeita pode proporcionar uma reflexão emancipatória e igualitária em relação às minorias qualitativas das sociedades, que ainda hoje tem sofrido efeitos de uma política interpretativa androcêntrica da figura de Jesus Cristo. Por todas essas razões, acreditamos que “*Jesus e a política da interpretação*” poderia ser mais divulgado e repercutido tanto nas comunidades acadêmicas quanto eclesiais. Na nossa apreciação, essa obra de Schüssler Fiorenza é recomendada como uma conflitante, porém, prazerosa e libertadora leitura.